

ARTIGOS

TIPOS DE PENSAMENTO JUDAICO (II).

(Continuação).

FRITZ PINKUSS

do Curso de Hebraico da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo.

CAPÍTULO II.

A PROFECIA CLASSICA.

Fenômenos singulares que merecem um capítulo especial dentro da literatura do Velho Testamento, são a Profecia e o Messianismo.

No Mediterrâneo, assim como no Oriente, houve oraculistas; pensemos na Pytia em Delphos, na história bíblica de Saul que procura um oráculo acerca do lugar onde encontrar as mulas. Até grandes profetas bíblicos aparecem às vezes como feitores de milagres (Isa. 7,11; 38,7; 21; II Reis 20,7).

No começo da era — já citada — que Karl Jaspers denomina de ACHSENZEIT, isto é em meados do século VIII antes da nossa era, surge o tipo de profeta denominado *clássico*. Seu nome é NABI (conf. o árabe: proclamador) ou HÔZÊ (vidente). Tradutores da LXX chamam estes homens de “profetas”, — os que prevêem — o que não é de todo certo, pois a sua função básica não foi mais a de ser oraculistas. Elias Auerbach, no seu livro *DIE PROFETIE*, preconiza que as predições às vezes feitas, muitas vezes estavam erradas (1).

(1). — PINKUSS (Fritz), *Israel Povo dos Milênios*, Ed. Fundação Fritz Pinkuss, São Paulo, 1971-72, pg. 19.

“Nenhum dos profetas clássicos fez profecias por mediante pagamento (2). Eles são apóstolos de Deus... chegaram a um povo que não os tinha procurado, nem lhes tinha solicitado “serviços”. Eles se consideram elos na corrente de mensageiros divinos que se iniciou com Moisés. Têm fé na missão e incubência de Israel” (3). São personalidades trágicas, muitas vezes não entendidos, sofrem toda maneira de vilipêndio, mas não podem deixar de “anunciar” (4).

Aqui seguem citações condensadas do livro clássico de Yehezkiel Kaufman (5), *The Religion of Israel*.

1). — “Apesar da falta de sucessão estabelecida, a profecia israelita é consistente ideologicamente, em virtude da fé constante na presença do espírito profético... Profecia é uma graça pessoal, mas através dela o favor Divino para com toda a nação fica manifesto... Surgiu em um povo, do qual há séculos paganismismo genuíno tinha sido erradicado” (apesar das recaídas)...

2). — “O Deus Único fez Seu nome notório em Israel só. Israel e sua terra são santos; as terras do paganismo são “impuras”. Somente Israel é julgado por idolatria; as demais nações são responsabilidades somente por grandes pecados morais... Eles falam sobre as nações, mas sua *missão* dirige-se a Israel, evocando a BRIT, Aliança. Eles não anunciam um Deus novo, nem ensinam um conceito novo acerca da Natureza de Deus. Eles lamentam e desafiam a falta do “conhecimento acerca de Deus” (6).

3). — “Eles criam uma espécie nova de literatura, baseando-se na tradição literária, em que Jeremias é influenciado pelo Deuterônimo; Ezequiel, pelo PRIESTERCODEX (esp. 3º L. M.) por exemplo”.

(2). — KAUFMANN (Yehezkel), *The Religion of Israel*, University of Chicago Press, 1960, pg. 343 em diante. Serve como fundo desta descrição.

(3). — Ernst Troeltsch interpreta a missão deles como conservadores do grande Ensino Divino (ver Povo dos Milênios, pg. 19).

(4). — “Eles enfrentam o perigo da perda da vida, a prisão, o vilipêndio, obedientes à Vontade Divina de exortar, entusiastas que eram da palavra do Senhor. Jeremias relata que, em meio da sua mais profunda decepção, ele sente um fogo arder no seu íntimo que o impele a pregar”. (*Ibidem*, pg. 19).

(5). — KAUFMANN (Yehezkel), *The Religion of Israel*, pg. 343 em diante.

(6). — Isto coincide com a opinião de Ernst Troeltsch que nisto vê a sua missão primordial.

4). — “Eles são os primeiros a conceber a doutrina da primazia da moral. A essência daquilo que exige Deus, não é o culto, mas a moral. Estão longe de querer abolir o culto, mas consideram a bondade humana, ZEDAKÁ (justiça, justiça social), como a realização na Terra da Vontade Divina. O culto em si não tem valor transcendente. Esta idéia apresenta-se logo com Amos, o mais velho, e reencontra-se em quase todos os livros. Com o tempo, tornou-se idéia fundamental no pensamento judaico. Na teologia anterior, a idolatria foi motivo para o castigo nacional, agora vem um motivo a mais: a corrupção moral dentro da nação (especialmente a social)... Esta nova visão resulta em reavaliação crítica de estado, sociedade, poder, luxo...”.

5). — “Os Profetas clássicos transformaram a visão do Fim dos Dias. Para a religião popular, o dia de YHWH era o dia da vitória definitiva sobre os inimigos. Eles lhe deram uma nova significação: Deus chamará Israel em juízo, assim como os inimigos. Israel será julgado não só por idolatria mas também por corrupção moral... Um “resto” de homens justos será preservado em Israel, e o Reino Escatológico de Deus será estabelecido. E assim, os conceitos de Israel e da Terra, de Jerusalém e do Templo, tornam-se em tempos escatológicos símbolos religiosos — e não só nacionais — mas de significação supra-natural, universal, ligados à existência de Israel...”.

6). — “Israel é o Servo de Deus que sofre (7), mas que tem de existir pela realização do “Reino Divino”.

7). — “A esperança pelo futuro os faz os primeiros intérpretes da história, vendo nela um Processo. Não no sentido do simples apocalipse, mas em direção a uma meta histórica, um processo, caminho — em direção ao “Fim dos Dias”. —

O Profeta conhece somente duas idades: a). — o reino de seus dias; b). — e o visionário “Reino Divino”, no “Fim dos Dias”.

Com esta esperança entra no contexto o Messianismo, ao qual dedicamos um capítulo especial.

Abraham J. Heshel (8) tenta dar a seguinte descrição existencial e psicológica do fenômeno “profeta”: — a sensibilidade perante o mal — a importância de “trivialidades” (necessidades humanas no

(7). — Ver nota nº 27 do capítulo I.

(8). — HESHEL (J. Abraham), *The Prophets*, Burning Bush Press, New York, 1962, cap. VII, pgs. de 3 até 27.

sentido de Platão) — luminoso e explosivo — o maior bem — uma oitava demais alto — um inconoclasta — austeridade e compaixão... poucos são culposos e todos são responsáveis... a tempestade que vem do céu — a coalizão de *callousness* e autoridade — solidão e miséria — a tolerância do povo... mensageiro, testemunha — o conteúdo primário da experiência — a resposta profética.

Assim se apresentam a profecia clássica, sua ação, sua missão, seu pensamento: o eterno fenômeno do gênio religioso que é o NAVÍ.

CAPÍTULO III. O MESSIANISMO (1).

Gershom Sholem distingue dois tipos de Messianismo dentro do pensamento judaico (2):

1. — o tipo utópico restaurativo — “quando se cumprem os dias” — quando o mundo chega a compreender a necessidade de cumprir o Ensino. Este é o tipo predominante nos livros dos Profetas do Velho Testamento;

2. — o tipo catastrófico que vem como *Deus ex machina* por assim dizer, quando tudo estiver corrompido. Sempre se mantém o conceito de salvação que acontece em público, não na alma do indivíduo, mas na arena da história e no meio da comunidade. —

As páginas do tratado talmúdico de Sanhedrin que se ocupam com a era messiânica, estão cheias de formulações e estabelecem: — “o Messias virá em uma era, ou de toda pura, ou de toda abjeta”.

Os grandes capítulos proféticos bíblicos falam uma vez somente da ERA MESSIÂNICA, como Isaías 2 e Miquéas 4 — ou da *Personalidade* do Mashiach, como por exemplo Isaías 11. Já na Bíblia, e mais ainda na tradição, há um quadro multi-facetado da idéia do Messianismo (3). *A era messiânica é precedida pelo retorno do povo à sua Terra Prometida.*

(1). — O termo Messias, do hebraico MASHIAKH, significa o “Ungido”, sendo o Rei Ungido de Deus. Messianismo é a mentalidade que anseia pela vinda do Mashiakh para salvar o mundo.

(2). — SHALEM (Guershom), *Judaica, Zum Verständnis der Messianischen Idee im Judentum*, Suhrkamp, Berlim, 1963, pgs. 19, 28.

(3). — Citemos dos mais importantes textos do Velho Testamento: ISAÍAS: cap. 2; 2-5.

Visão que teve Isaías, filho de Amoz, a respeito de Judá e de Jerusalém.

E acontecerá no fim dos dias que se firmará o monte da casa do ETERNO no cume dos montes, e se erguerá por cima dos outeiros: e concorrerão a ele todas as nações.

E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do ETERNO, à casa do Deus de Jacob, para que nos ensine acerca de Seus caminhos, e andaremos nas suas veredas: pois de Sion sairá a Lei e a Palavra Divina de Jerusalem.

“O Messianismo é uma corrente contínua que acompanha o povo através das tragédias de sua história”. “Na época em que este enveredou em sua longa e triste história como um povo no exílio, disperso, humilhado, desprezado e, com frequência, fisicamente ameaçado e perseguido, já estava imbuído de crenças

E ele exercerá seu juízo sobre as gentes, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices; não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerra.

Vinde, ó casa de Jacob, e andemos na luz do ETERNO (desde já).

MIQUIAS: cap. 4: 1-5.

E acontecerá no fim dos dias que se firmará o monte da casa do ETERNO no cume dos montes, e se erguerá por cima dos outeiros: e concorrerão a ele todas as nações.

E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do ETERNO, à casa do Deus de Jacob, para que nos ensine acerca de Seus caminhos, e andaremos nas suas veredas: pois de Sion sairá a Lei e a Palavra Divina de Jerusalem.

E Ele julgará entre muitos povos, e castigará poderosas nações até muito longe; e converterão as suas espadas em enxadas, e as suas lanças em foices; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.

Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante, pois a boca do ETERNO das MULTIDÕES o disse.

Pois todos os povos andarão, cada um em nome de seu deus; mas nós andaremos no nome do ETERNO nosso DEUS, eternamente para sempre.

Isaías 11.

Do tronco de Yshái sairá um rebento e das suas raízes um renovo que dará fruto. Descançará sobre ele o espírito de Deus, espírito da sabedoria e do entendimento, do conselho e da fortaleza, espírito do conhecimento e do temor a Deus; ele terá o seu prazer na veneração dedicada a Deus. Não julgará segundo a^o vista de seus olhos nem reprovará segundo o ouvir de seus ouvidos, — e sim, com justiça julgará os necessitados e com equidade reprovará, em defesa dos mansos do mundo...

Então o lobo habitará com o cordeiro e o leopardo se deitará ao pé do cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão em companhia, e um menino pequenino os conduzirá. A vaca e a urso pastarão, as suas crias juntas se deitarão e o leão comerá palha com o boi. A criança de peito brincará sobre a toca do áspide, e a desmamada meterá a mão na cova do basilisco. Não farão dano nem destruição em todo Meu santo monte, porque a terra será cheia do conhecimento de Deus, assim como as águas cobrem o mar. (Aqui se vê que a vinda do Salvador tem o efeito de modificar a própria natureza).

O livrinho bíblico de Daniel, com os seus “Quatro Reinos Milenares”, é o tipo da apocalipse catastrófica. Os redatores do Velho Testamento colocaram-no na terceira parte da Bíblia, Escrituras Gerais, junto com Jó e os Salmos, enquanto só o canôn da Igreja o pôs junto com os profetas clássicos. É de presumir-se que o motivo foi que nos capítulos clássicos proféticos do Velho Testamento predomina, como já foi dito, o tipo utópico-restaurativo.

e esperanças messiânicas que eram muito demais axiomáticas para serem postas em dúvida” (4).

A idéia tomou o lugar mitológico-popular e teológico, e apresenta-se com o brilho de inúmeras facetas; há íntima conexão entre crenças messiânicas especulativas e a reação do povo às suas experiências na história.

Este é em breves traços o caminho do Messianismo no pensamento judaico (5).

“Obviamente as tribos que se radicaram em Canaan, não tinham necessidade do Messianismo. Elas não experimentaram o cumprimento da ânsia nem da esperança, mas o das promessas feitas aos Patriarcas... No famoso cap. 8 do I Livro Samuelis, o autor da diatribe anti-monárquica não considerava um rei messiânico, como consumação das esperanças... A “ideologia messiânica” desenvolveu-se somente depois de que se tinha firmemente estabelecido o reinado em Israel; parece ter recebido a infra-estrutura em noções caananitas com o rei tendo a função de manter a harmonia entre a sociedade humana e as forças naturais e sobrenaturais... Como o Ungido ou Filho de Deus, naqueles dias o rei cumpriu a função do estado ideal das coisas, no sentido cósmico, e passou da fundação cosmogônica do Estado Ideal para a Escatológica”.

“A idéia do “Ungido de Deus” surge na sua forma clássica, na era dos grandes profetas, como Escatologia. O desapontamento com a realidade histórica, cada vez em menor correspondência com o ideal da bênção e do bem estar material das numerosas classes, e o estado moral da camada dos líderes, a começar do rei, fazem projetar o estado ideal das cousas para o futuro, com a restauração do que houve de Ensino e Promessa, acerca de um mundo perfeito e do retorno dos exilados a Sion. Ao redor do rei David, querido do povo, e de sua família, desenvolve-se a convicção na consciência dos Profetas e do povo: o futuro “Salvador” terá de ser descendente da dinastia davídica” (6).

(4). — WERBLOWSKY (R. F. Zwi), *O Messianismo na História Judaica*, in *Vida e Valores do Povo Judeu*, Ed. Perspectiva. São Paulo, 1969, pg. 27 em diante.

(5). — WERBLOWSKY (R. F. Zwi), *Judaism*, in *História Religionum*, Ed. Brill, Leiden, 1971, pg. 12. Vol. II.

(6). — No Novo Testamento, cujo conceito de Messias está fora do âmbito deste trabalho, apesar de se apegar às pregações proféticas do Velho Testamento, o Evangelho de Mateus precede o mais velho Evangelho de Marcos, por apresentar a genealogia de Jesus como descendente de David, condição para ser o Mashiah esperado.

Podem citar-se muitas das bênçãos tradicionais, que a isto se referem, como na “Grande Oração” (AMIDÁ), na reza depois da refeição (o BENSHEM = *benedicere*), ou, como Werblowsky (7) cita, aquela que se canta após a leitura sabática dos Profetas (HAFTARÁ):

“recordando ela as fiéis promessas divinas, pregando pelo retorno ao Sion — o “Lar da nossa Vida” —, e que continua: “Alegra-nos, ó Eterno nosso Deus, com a vinda de Eliyahu (Elias) o Profeta, Teu servo (que na tradição é considerado como precursor e anunciador da era messiânica) (8), e com o reino da casa de David, Teu ungido. Que venhas logo, alegrando-nos o coração. Não se assentará mais forasteiro no Teu Trono, nem herdarão estranhos Tua glória, pois por Teu Nome Sagrado juraste que a Tua luz jamais será apagada” (9).

Conforme períodos, situações e temperamentos opera a idéia, brilhando em todo um espectro de cores e de pensadores. Função e significação variam: como em Isaías 2 e Miquéas 4, a insistência concentra-se na própria *era messiânica*, assim também entendida na teologia moderna, enquanto na *maioria dos lugares* tudo gira ao redor da *personalidade* do Messias, como Isaías 11 e especialmente os capítulos acerca do Servo de Deus no Deutero-Isaías. Enquanto a filosofia liberal encara o pensamento messiânico como a esperança em um processo histórico evolutivo para o bem (10), os clássicos da Bíblia e da tradição dos Rabinos consideram na sua vinda pessoal um processo restaurativo.

Já foi mencionado que os Rabinos prevêm duas possibilidades da sua vinda: ou que tudo esteja “puro”, preparado para a chegada, — ou que tudo esteja “culposo”; às vezes se ocupa a fantasia com a vinda de um “Anti-Messias”, Messias filho de José.

Como ilustração dos conceitos que o povo tinha acerca do Messias, sirvam as seguintes citações da literaturá rabínica (11):

— O Mashiah, filho de David, chegará em aquela geração que tudo é perfeitamente justo, ou perfeitamente culpado (Talmude Sanhedrin, 98).

(7). — WERBLOWSKY (R. F. Zwi), *Judaism*, pg. 13.

(8). — Fim do livrinho bíblico de Malaquias.

(9). — Sidur, Livro de Rezas, ed. 1953, pgs. 226-227.

(10). — *Religion der Vernunft aus der Quellen des Judentums* (veja nota 16).

(11). — ALCALAY (R.), *Words of the Wise*, Massada Press, Jerusalem, 1970, pg. 319. Item: Messiah.

— Se você vê impérios combatendo-se mutuamente, então espera com ânsia o Mashiah (Midrash Genesis Rabá, 42).

— O Mashiah não chegará antes de ser desentraçada a vaidade do mundo (Rabi Nahman de Bratzlav, Sefer Hamidôt).

— No dia da destruição do Templo nasceu o Redentor (Talmude Yerushalmi, Berahôt).

— No compasso do Messias aumentará a insolência e a morte chega ao seu máximo. O império cairá em heresia e não haverá ninguém para o reprovar. A sabedoria dos escribas se tornará esteril, e aqueles que se afastam do pecado serão desprezados, em nenhuma parte encontrar-se-á mais a verdade. Filhos envergonharão os anciãos... e estes se levantarão contra a prole... o filho desonrará o pai, a filha levantar-se-á contra a mãe. Os inimigos de um homem estarão na sua própria casa; a face de uma geração se transformará em aquela de um cão... (Talmude Sota, Mishná 9, 15).

Os grandes mestres da filosofia racionalista da Idade Média, não gostaram do excesso de especulações messianistas; assim escreve Maimonides (12):

“todos (os detalhes acerca da era messiânica) são desconhecidos... e em todo o caso, a maneira exata do acontecimento e das circunstâncias não é princípio básico da religião e não se deve perder tempo com tais textos, nem considerá-los como fundamentais, pois não conduzem nem ac temor nem ao amor de Deus”. Werblowsky conclui: “Este messianismo não pode ser considerado como representativo pela plenitude histórica do judaísmo, apesar de expressar uma das maiores tendências”.

Para o povo, no decorrer da sua história trágica, o Messianismo tornou-se sonho predileto e o braço que o segurava no desespero. A literatura rabínica e a da mística estão cheias de esperanças e especulações messianistas; (acabamos de citar alguns exemplos).

Hoje entendemos, como a mentalidade do grupo de Qumrán, no Mar Morto, cujos rolos formam o mais precioso achado arqueológico deste século (13), é uma expressão do Messianismo (além de trazer-nos múltiplos outros conhecimentos históricos e bíblicos). A eles associam-se os mais recentes achados acerca de Bar Kochbá, chefe do último levante contra Roma, aclamado pelo povo (e um rabino só, Akiba) como Mashiah. Na literatura de Qumrán, fala-se

(12). — WERBLOWSKY (R. F. Zwi), *Judaism*, pg. 13.

(13). — PINKUSS (Fritz), *op. citada*, pg. 37 em diante.

em termos escatológicos da “Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas”, com a vinda do Mashiah, sendo chefiados os Filhos da Luz pelo “Cohên Tzêdek”, isto é, o sacerdote da justiça, levantando-se este vitorioso, como salvador, sobre o “sacerdote do mal”. Vivem em comuna e mosteiro, com banhos religiosos cotidianos, no intuito de preparar a comunidade para o grande momento. A leitura dos textos traz uma revelação: *estes* Essênios estavam longe de ser um grupo pacífico, manso, humilde, e sim, uma tremenda e indômita força agressiva, com disciplina para-militar (14).

Nos umbrais dos tempos novos, na época do Renascimento, surgem “falsos Messias”: Salomão Molcho, David Reubeni, e outros, típicos sonhadores renascentistas. E nos séculos XVII-XVIII encontram-se movimentos messianistas no Oriente e na Europa, Sabataí Zvi, em Smirna, Frank em Offenbach, criando o “movimento” do primeiro profundas convulsões no corpo do povo. As memórias da Glickel de Hameln, século XVII, relatam como numerosas famílias venderam seus bens, para estarem preparadas para o retorno à Terra Prometida, esperando a era messiânica iniciada por Sabataí Zvi. É provável que tenha havido movimentação tão expressiva que até as representações diplomáticas européias trataram de procurar informações. Tudo isto ficou acompanhado de tremendo desentendimento entre os grandes rabinos acerca das suas atitudes positivas, ou negativas, diante do fenômeno Sabataí Zvi, que mandava os seus amuletos ao mundo inteiro (15).

A idéia messiânica acompanha o povo no seu sonho milenar até os nossos dias. Nos ghettos de extermínio, deste século, cantava-se, citando de uma compilação das idéias mestras do judaísmo, justamente aquela estrofe que trata do Messias:

(14). — LOHSE (Eduard), *Die Texte aus Qumran*, Ed. Kösel, Munich, 1964, pg. 4 em diante, e 180 em diante, e *QUMRAN — Wege der Forschung Bd. CCCCX*, ed. Qumran-Forschungsstelle Heidelberg, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1972: “O descobrimento dos rolos do Mar Morto, sem dúvida, é um dos achados mais importantes de manuscritos, no nosso século... material de fontes para o conhecimento e a pesquisa do judaísmo do século II antes da nossa era, até o I século da era cristã. Conforme acordo quase unânime na pesquisa, trata-se de escritas do grupo judaico dos essênios, até agora somente conhecidos através de escritores antigos, cuja... produção apresenta um mundo múltiplo de pensamentos teológicos, onde tradição e influência de afora existem lado a lado. A comunidade rigorosamente disciplinada, em desacordo com os sacerdotes de Jerusalem, e assim isolada do culto do Templo, desenvolveu *teolegumena* altamente interessantes, às vezes comparáveis àqueles do Cristianismo, em parte contemporâneo. Este achado concentrou, de forma impressionante, de novo na consciência da pesquisa a multiplicidade do pensamento judaico nos umbrais da nossa era...

(15). — PINKUSS (Fritz), *op. citada*, pg. 118-119.

— “Apesar dele demorar a chegar, não deixo jamais de esperá-lo com fervor”.

Dois exemplos do “messianismo” moderno: Hermann Cohen (16), o filósofo neo-Kantiano do judaísmo, baseia a moral deste no princípio evolutivo e na esperança dirigida para a perfeição ética no futuro. De acordo com Cohen,

“instituições religiosas não derivam seu valor por precedentes do passado, mas somente pelo esforço de alcançar aquilo que ainda não foi realizado. Posto em termos de indivíduo, convicções religiosas pessoais implicam em uma *consciência* religiosa *messiânica* que providencia perspectiva no presente” (17).

Para o autor não resta dúvida que Leo Baeck, na *Essência do Judaísmo*, livro estandarte da teologia judaica, é o grande aluno de Herman Cohen (na parte da Filosofia Moderna falaremos em maiores detalhes).

A ressaltar: Karl Marx, descendente de gerações de rabinos, apesar de não mais pertencer ao judaísmo, desenvolveu na sua doutrina uma espécie de “messianismo secularizado”.

Sem dúvida, a grande revelação da atuação de sentimentos messiânicos é a idéia básica do Sionismo moderno, do qual falaremos adiante sob o título “Nacionalismo Moderno”.

(16). — *Religion der Vernunft aus der Quellen des Judentums*, Frankfurt, 1923 (ed. Kauffmann).

(17). — MEYER (A. Michael), *Problematics of Jewish Ethics in Judaism and Ethics*, KTAV Publ. House, New York, 1970, pg. 126.

CAPÍTULO IV.
OS ESTUDOS LEGALISTAS, HALAKHÁ.

A ciência dos Rabinos, no hebraico TALMUDE, isto é, Estudo, — constitui o esforço de legislar sobre a vida do judeu, seja como indivíduo, seja como povo. A base é a explicação e a aplicação do Verbo Divino contido na Bíblia, especialmente na Torá-Pentateuco. Achamos indispensável para o leitor ver a descrição deste sistema intelectual-teológico no nosso “Israel, Povo dos Milênios” (1). Para esclarecimento, nota-se que esta vasta literatura tem caráter, ou de Halakhá (caminho de vida legislativo), ou de Hagadá (narração, interpretação em forma de prédica). Aqui se trata da Halakhá do Talmude. A parte básica do Talmude é a Mishná, Código, ela se divide em seis “ordens”, divididas em 63 tratados, e Guemará (recapitulação) (*). O conteúdo das seis ordens organiza-se de seguinte maneira:

- 1 — ZERAIM — sementes — tudo que se refere à agricultura e às terras;
- 2 — MOFD — épocas — o calendário festivo;
- 3 — NASHIM — mulheres — direito de família;
- 4 — NEZIKIM — indenizações — o direito civil e criminal;
- 5 — QODASHIM — assuntos sagrados — o culto antigo (o povo vivia na esperança de restaurar o culto antigo, em sinal de sua restauração nacional);
- 6 — TAHARÔT — purezas — higiene, medicina, etc...

“Nas mãos de mestres e preceptores rabínicos o todo da vida tornou-se o sistema de behavior, atitude, ordenada por Deus. Vivendo pela Lei foi cumprir a Vontade Divina, andar no Seu caminho, promover a Sua Finalidade e, destarte, receber salvação e bênção (*blessedness*), bem como preparar o caminho para o Salvador (*Mashiah*). Entende-se que o rabinismo, cujo máximo ideal e exclusivo desejo foram justamente esta vida de serena obe-

(1). — Congregação Israelita Paulista, Fundação Fritz Pinkuss, São Paulo, 1972, pg. 21 e 48 em diante, cap. “A Época dos Rabinos” (4a. edição).

(*) — Existem duas GUEMARÔT, a PALESTINENSE e a BABLI, sendo esta a mais importante.

diência, desenvolveu uma verdadeira paixão pela incumbência de acertar o desejo Divino em todas as possíveis circunstâncias. Da Escritura e das premissas tradicionais, por regras aceitas de interpretação e dedução, esses discípulos dos sábios sempre estavam engajados em descobrir a específica aplicação da Lei Divina a toda e qualquer situação que ocorreu ou puder possivelmente ocorrer. Sem dúvida, os rabinos ensinavam a fé e a doutrina também, exortando o povo a perseverar na sua finalidade para com a Lei, no amor de Deus, a estar constantemente preparados para o martírio; mantiveram viva a esperança messiânica no coração de uma nação perseguida, vivendo uma existência precária..., refortalecendo sua consciência de serem “eleitos” por serem distintos (por sorte do destino) dos outros, assim como o objeto do amor e da promessa divinas. Enquanto os rabinos eram também pregadores e guias espirituais, foram em primeira linha, e antes de tudo, advogados...

O esforço intensivo de labuta intelectual do Talmude-Torá (estudo da Lei) tornou-se ideal de vida e um supremo valor religioso per se...” (2).

“O desenvolvimento rabínico do código bíblico continuou a síntese de estudo e religião. Ele se aprofundou na anatomia, ao formular as leis que regulam a alimentação, baseou-se na botânica e na agronomia em sua legislação agrícola, explorou a fisiologia e medicina na definição das leis acerca da saúde (e higiene), necessariamente se aprofundou em astronomia e matemática, ao determinar o calendário judaico. Toda esta labuta consciente e conscienciosa no domínio da ciência fez-se em nome da religião. Não resta dúvida de que o máximo de dedicação dirigiu-se a estabelecer as normas jurídicas para o convívio humano, o direito, sempre baseando-se na letra bíblica, também consciente e conscienciosamente criando uma simbiose entre a tradição e a aplicação em tempos e regiões mais variadas. Rabi Eleazar Hisma declarou abertamente que até computações astronômicas e matemáticas são parte do estudo religioso. No Talmude é dito que alguém que desprezar a vantagem de estudar astronomia, é pecador, pois fecha os olhos ante o reconhecimento da obra criativa de Deus no Seu Universo. É obrigação religiosa, franca e clara, procurar a verdade, o selo de Deus” (3).

(2). — WERBLOWSKY (R. F. Zwi), *Judaism*, in *História Religionum*, Ed. Brill, London, 1971, pg. 18, 19.

(3). — POOL (de Sola David), *Why I am a Jew*. Beacon Press, Boston, 1965, pg. 69-70.

Esta é a parte legislativa. — O MIDRASH é coleção de homílias, uma espécie de prédicas, parábolas, que se baseiam em um versículo bíblico; seu caráter é ético, o de sentido expositivo; há também grandes coleções de Midrashim halákhicos, que tratam de temas legislativos.

Já foi dito que o Talmude, pelo seu conteúdo contém temas de Hagadá, narração, e de Halakhá, *way of life*, leis (4). Na Hagadá reune-se o material não somente “narrativo”, parecido ao Midrash, mas antes do mais é ela o repositório dos conhecimentos, às vezes bem desenvolvidos, que os rabinos tinham acerca de medicina, matemática, astronomia, assim como da superstição popular, às vezes citada.

A *Halakhá* representa o “caminho da vida” do judeu. Em forma de discussão, o povo sem pátria, tinha a sua pátria-portátil, manteve sua união espiritual com normas elaboradas e aplicadas.

Cada judeu deve entrar nesta discussão, rabinos e entendidos. Duas são as características:

“Ela é método social e pessoal; nenhuma esfera da vida é omitida. O sistema é *total*, mas não *totalitário*; tem dois instrumentos básicos: a continuada, jamais terminada, discussão, e a Torá imutável, em meio a um ambiente sempre em transformações” (5).

1). — a maioria dos eruditos destacados decide, porém a sua decisão jamais é final; não há instância hierárquica que possa decretar;

2). — tudo é sempre *milestone* no caminho de vida do povo. É por isto que Franz Rosenzweig, o judaísta do começo do século XX, pode dizer: um livro hebraico necessita dos comentários e a cada geração cumpre escrever o *seu* comentário. A Halachá é a exigência máxima a cumprir. Existem casos em que ela pode ser silenciosa e então a “Presença Divina no Sinai” poderá dar orientação, isto é, a tentativa de interpretação baseada nos conceitos gerais e essenciais, por ausência do texto da Revelação. (Casos novos surgidos posteriormente e desconhecidos à Halakhá tradicional).

O *Way of Life* — Halakhá — apresenta desde as camadas bíblicas uma contínua evolução, através dos séculos e milênios, no sen-

(4). — Os dois tipos encontram-se em passagem da discussão da Halakhá para a Hagadá e vice-versa.

(5). — Conforme Ernst Simon, relatório sobre Halakhá na convenção do World Council of Synagogues, Jerusalem, 1971.

tido humanitário — ético. Enquanto, por exemplo, o Deuterônômio já estabelece que filhos não devem morrer por causa da culpa dos pais, a *Lex Tallionis* é reformulada pelos Rabinos, não reconhecendo literalmente o “olho por olho”, mas exigindo uma compensação devida à vítima pelo valor do olho perdido (6). — Em vista da antiga economia, o conceito da servidão não pode ser abolido, porém ficou tanto humanizado, que praticamente não se pode falar mais de escravidão (7).

Os Rabinos estabelecem normas ético-sociais, preconizando o claro caráter universalista (8); e aqui seguem exemplos mais importantes:

- A Lei do País é Lei Obrigatória (9).
- Todos os Justos de todas as nações tomam parte na Salvação Vindoura (10).
- “Por Causa dos Caminhos da Paz”, proíbe-se discriminação religiosa; esta norma rege a relação, no sentido de equiparação, entre judeu e gentio, especialmente na assistência social (11).
- Amor a todas as Criaturas por serem criadas à Imagem de Deus. — Sentimentos fraternais para com todos os credos monoteístas, especialmente Cristianismo e Islã (12).
- O conceito do direito penal é profundamente humanizado: se, ao pé da letra, existe menção de punição capital

(6). — TALMUDE BABA QAMA, 83a.-84b.

(7). — VENDRAME (Calixto), *O Conceito do Escravo no Velho Testamento* (tese de doutoramento orientada pelo autor). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1972, pgs. 193, 232-233 (mimeografada).

(8). — GUTTMANN (Michael), *Das Judentum und Seine Umwelt*. Ed. Philo-Verlag. Berlin, 1927, cap. 1-5-7, e *Die Lehren Des Judentums* — C. A. Schwetschke und Sohn, Berlin, 1922 e 1924, cap. VI — *Grundlagen der Juedischen Ethik* e cap. IV — *Lehre von Gott*.

(9). — TALMUDE, *Baba Qama*, 113a.

(10). — “Os Justos de todas as Nações são Sacerdotes do Deus Único Santo”, conf. Seder Eliyahu Zuta, cap. 20. Ver também SANHEDRIN 59a e: OZAR ISRAEL, Ed. Eisenstein, Pardes Publ. House, New York 5712 (1942), tópico UMÓT HAÓLAM, “nações do mundo”.

(11). — Levítico Raba 9, 153 a.b. — Talmude GUITIN, 59a., 61a. “Os discípulos dos Sábios aumentam a Paz no Mundo”. Talmude Berakhôt 64a.

(12). — Maimônides e outros, comentários ao Gênese, no lugar e GUTTMANN, Michael, *op. cit.*, pg. 194: Moses Buterilo dedicou um comentário do livro místico YEZIRÁ a um erudito cristão, de nome Maestro Juan, com a expressa motivação que um gentio que estuda Torá, está no mesmo alto conceito como o Sumo Sacerdote, que fez serviço no lugar mais sagrado, parte interna do Santuário. A edição apareceu em Mântua em 1562.

na Bíblia, esta na prática jamais é aplicada. Pois é inadmissível uma condenação por indícios; ao criminoso assiste o direito de ser sua ação interpretada como cometida em estado de perturbação mental, a não ser que duas testemunhas possam, presentes ao ato, declarar que estava o criminoso em pleno gozo de suas faculdades mentais (13).

- O estudo e a preparação do jovem para a vida, são enfaticamente exigidas, e aquele pai que isto negligenciar, é chamado leviano, por permitir que seu filho se torna “vagabundo”.

*

O Princípio da Codificação da Lei.

A Halakhá recebeu codificações, sendo as mais conhecidas a MISHNÉ TORÁ, Recapitulação da Lei, de Maimonides (século XII) e o SHULKAN ARUKH, Mesa Preparada, de Josef Karo, com aditamentos de Moisés Isserles (século XV e XVI). Mas estas codificações são somente *ad hoc*, a discussão sempre continua: o desafio entre Torá e ambiente. Baseados em regras interpretativas, a maioria dos eruditos decide, e sempre de maneira casuística. Há menos uma espécie de “constituição” do que decisões que seguem casos precedentes, congêneres ou parecidos. Nisto, o sistema lembra a legislação inglesa.

“A questão da codificação relaciona-se com os problemas particulares inatos na sua substância e origem. O princípio de um código ab-rogar uma regra inconsistente de data anterior jamais foi admissível, nem ao menos propagado dentro do sistema halakhico (*). A base de sua força obrigatória e da sua autoridade, tem sido sempre a sua continuidade; e a validade de qualquer regra ou norma, acrescidas ao corpo da Halakhá durante o percurso de seu desenvolvimento, através das fontes legais, repousa no fato de que ela vem da norma básica, ou seja, o Ensino Escrito, e da acumulação de Halakhôt através das gerações” (14).

Nenhum dos codificadores, nem o grande Maimônides, tentou estabelecer a sua obra como a fonte de autoridade halakhica, em con-

(13). — TALMUDE, tratado de *Baba Qama*, 77b e MISHNÁ SANHEDRIN, cap. 2, 6.

(*) — A argumentação do Novo Testamento: — “foi vos ensinado... porém eu vos digo...” seria inconcebível e inadmissível. —

(14). — ENCYCLOPAEDIA JUDAICA, Keter Publ. House, Jerusalem, 1971, pg. 21, col. 2.

traste com a modificação de Halakhá já anteriormente determinada, nem encarou a possibilidade de introduzir qualquer mudança da Lei, através da obra.

Este edifício tornou-se pátria-portatil do povo em dispersão como meio de sua união espiritual; seu rigor deu estímulo ao intelecto quanto ao seu método típico. Ele manteve o povo coeso. A nação em dispersão viveu séculos e séculos na convicção de que lhe cumpre observar toda a Lei; somente na época da Emancipação, no Modernismo, a sua validade absoluta e total foi posta à prova e em dúvida, em vista de circunstâncias completamente novas de existência (15).

Somente uma vez, no século VII, surgiu uma seita, os QARAIM, fiéis da *letra* da Bíblia, que recusaram a Halakhá. Os estudos bíblicos, que para eles eram básicos, e a polêmica entre QARAIM e RABANIM, apesar da violência da discussão, frutificaram ambas as partes.

(*Continua*).

(15). — Isto está descrito no capítulo: “O Modernismo”.